

A DISCIPLINA DO AMOR

O título já carrega em si mesmo o sentido insólito do dramático. E o texto é como a necessidade: flui de inquietude que se diz e da pureza que se perfaz.

Mas: qual seria o amor que se disciplina como a linha, datas afora, rótulos esparsos, sustos e desvarios no olhar transparente destas páginas de Lygia Fagundes Telles? ou qual seria a disciplina que se desnuda (como o rei daquela história), e se apaixonava penetrante, silenciosa, imprevisivelmente nos porões e nos portais de uma existência confessada?

Talvez o livro de Lygia tenha muito do rei que saiu pelas ruas vestido de tecido tão raro, que os tolos todos pararam de enxergar! Para apalpar esse tecido era preciso ser uma espécie de vidente, feito de gênio, e que só atinge a simplicidade máxima do olhar e da expressão quando consegue demonstrar o óbvio da sua própria contingência. Certa dose de ingenuidade, em estado de alumbramento infantil; outra dose de lucidez na revelação do monarca, em estado de coragem, e que «espontaneamente se reconhece em sua nudez, exposto por inteiro, face e coração: aqui estou». Na verdade, criança e rei, aqui ou ali, estão fazendo uma personagem só.

Pode parecer estranho aquilo que eu vou dizer agora. Mas *A Disciplina do Amor* me soou também por inteiro como espécie de cristal da própria arte literária. Hoje um pouco silenciada, já se falou muito de «arte conceitual». Outros tentam provar que

crítica de arte deve ser também uma arte e fazem crítica em forma de produção estética silenciosa. Ou seja: sem palavras, crítica plástica. Por que não se pensar no mesmo ritmo, supondo-se a realidade de uma teoria literária construída em forma de literatura e escrita neste jogo sonoro e denso da linguagem também poética? Para mim seria isso o livro de Lygia Fagundes Telles.

Cada artista se identifica pela matéria prima da sua produção estética. O oleiro se mistura ao barro, o pintor se veste de cores, o escultor de pedra e até o músico surdo se tece através dos sons que elabora.

Mas e o escritor? A palavra é matéria ambígua. O próprio cérebro humano, no momento de comandar a linguagem articulada, se debate decompondo-se e recompondo-se sucessivamente pelos dois hemisférios. Se há, entretanto, assimetria funcional entre os polos de comando da linguagem, aí também não se operam cortes, especializações radicais ou alienações decisivas no ato de falar. Trata-se de um processo complexo, quando os dois «aparelhos» (esquerdo e direito do cérebro) trabalham juntos, ainda que para a emissão de um simples símbolo verbal. Se um dos hemisférios comanda principalmente a entonação, o ritmo da frase, a melodia sintática, ele compete, mas não briga nem conseguiria sadiamente brigar com o outro hemisfério, o dos conceitos, raciocínios, atividades mais abstratas. Essa dramaticidade do ato da palavra é vivida pelo escritor já na

sua própria fisiologia corporal. Que se imagine o climax de sua luta interior, na harmonização dos estímulos vitais que precisa transcrever em forma de arte literária.

Lygia vive esse drama. Eu também o estou vivendo agora. E você, leitor, o revive ao seu momento, «traduzindo» então nossas palavras.

O importante, entretanto, desde aquela história de rei ou de criança, é a tessitura interna de que se anima essa palavra. Já dissecado no cérebro o processo de elaboração da matéria prima para esse tipo de vestimenta que é a arte literária, arte do verbo, a palavra de Lygia também se faz carne. Toma corpo, toma vida. E, na vocação dessa vida, há uma disposição irredutível de convivência com o mundo em que se descobre, ato de amor consentido desde a primeira página e que em momento nenhum se disfarça. Um amor feito de olhos. Olhos diante de realidade que se extática atitude de contemplação.

Seria essa a loucura do seu testemunho?

«Me vejo dividida em duas, nos diz ela própria, eu e a outra que se fragmentou e que está tentando agora unir os pedaços do que foi um todo loucura. Essa impossibilidade de ordenar o que se desordenou». Mais e se partiu. Pergunto se seria isso a adiante: «A mente fragmentada. Ela está contida inteira neste fragmento que consegui captar. Está neste fragmento e está num outro lá adiante, se dividiu quero-a única e ela ficou múltipla, não se fixa. Ou se fixa. Ou se fixa obsessivamente num só ponto, a atenção concentrada, cristalizada, virou cristal de rocha».

E, no entanto, a natureza está lá inteira, intacta. O universo não se desfaz, a vida não se dividiu nem a mente da escritora saiu do lugar. A loucura consistiria num obscurecimento da consciência diante de sua própria atividade. O êxtase do artista já supõe justamente o contrário: uma intensificação da consciência que, de certo modo, se materializa em forma de arte.

Lygia poderia ter falado de vivência. Vivências esparsas, por exemplo. Estaria tranqüilizada e livre do desconcertante processo da criação. Pelo menos, seria mais simples, mais fácil, mais normal. Conseguiria poupar-se do desgaste de surpreender a sua própria obra caminhando ao lado de seus passos. Acontece, entretanto, que a vivência é minha; individual; não se dá. O fragmento, embora produto da minha contemplação, terá existência a partir do momento em que dela se desprende e se vai, adquirindo o seu destino próprio. Um livro de fragmentos, como este que agora aí está, não representa soma ou conjunto de determinados momentos de criação literária. Traz a marca do idioma de um olhar. E por isso mesmo são fragmentos, expressão daquilo que se mostra por aspectos e de relance, jamais na sua totalidade.

Tortura e nobreza da comunicação! Aí está o seu valor de testemunho. Fruto daquela profunda dimensão amorosa de um cérebro feito olhos e que se dá.

Mas fragmentos soltos? Sem nenhuma ligação? Sem nó e sem enredo, sem princípio, meio e fim? — «Há um sentimento costurando uns aos outros no tecido das raízes. Eu sou esta linha» — nos diz Lygia. A dona do idioma. A alma daquele olhar.

E nós ficamos desconfiados e ambíguos diante da sua paixão. Guardamos uma certa distância, como ela mesma explica a distância que se guarda diante dos amantes. Não invadimos o seu «casulo imantado». Mas o conservamos. Como quem segura uma bola de mercúrio: a gota cuidadosamente entre os dedos e a esfera que, independentemente de nós, se espalha numa explosão de esferas pelos caminhos apenas recomeçados.

TELLES, Lygia Fagundes, *A disciplina do Amor*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

Anna Maria Viegas